

"SOME KIND OF DEVIATION" OR THE METAMORPHOSIS INTO FAILURE: *O CASO DA BORBOLETA ATÍRIA*¹

Jonas Miguel Pires Samudio²

Abstract: Discussions of *queer* theory, in a variety of reflective approaches, have been important spaces for deconstructing and expanding ways of knowing and existing. Literature, in this sense, is a significant field of proposition, especially in children's and young adult literature, given the scope of such productions in the formation and self-reflection of readers. This work is based on reflections from *queer* theory, especially Jack Halberstam (2020; 2023), Teoria travesti, by Marlene Wayar (2019), as well as reflections from psychoanalysis, with Jacques Lacan (2009), and literary theory, with Severo Sarduy (1999) and Lucia Castello Branco (2014). We propose a reading of *O caso da borboleta Atíria* (1976), by Lucia Machado de Almeida, considering the book's discussions about notions of kinship, beyond blood, and community, through a protagonist marked by failure as a way of life (HALBERSTAM, 2020, p.49), an existence that occurs as a "metamorphosis into failure", finding ways out of impossibilities.

Keywords: Literature; Metamorphosis; Failure; *O caso da borboleta Atíria*.

“Um desvio qualquer” ou a metamorfose em fracasso: *o caso da borboleta Atíria*

Resumo: As discussões da teoria *queer*, em variadas abordagens, têm sido importantes espaços para desconstrução e ampliação de formas de saber e de existir. A literatura, sendo um de tais espaços, se coloca como campo de proposição significativa, mormente na produção infantojuvenil, haja vista o alcance de tais produções na formação e na autorreflexão de leitores. O presente trabalho parte das reflexões oriundas da Teoria *queer*, sobretudo, de Jack Halberstam (2020; 2023), da Teoria travesti, de Marlene Wayar (2019), bem como de reflexões advindas da psicanálise, com Jacques Lacan (2009), e da teoria literária, com Severo Sarduy (1999) e Lucia Castello Branco (2014). Propomos uma leitura de *O caso da borboleta Atíria* (1976), de Lúcia Machado de Almeida, considerando, no livro, as discussões acerca de noções de parentesco, para além do sanguíneo, e de comunidade, por meio de uma protagonista marcada pelo fracasso como modo de vida

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

² Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6766-0973>. E-mail: alfjonass@yahoo.com.br.

(HALBERSTAM, 2020, p.49), uma existência que se dá como “metamorfose em fracasso”, encontrando saídas frente às impossibilidades.

Palavras-chave: Literatura; Metamorfose; Fracasso; *O caso da borboleta Atíria*.

– É uma Atíria! Exclamou a Jitirana, encantada.

A recém nascida abriu os olhos e tentar levantar voo. Inútil, não conseguia sair do mesmo lugar (Almeida, 1976, p. 6).

Inútil, não sair do mesmo lugar: uma borboleta que, impossibilitada de voar, procura por outros trajetos para se mover. Outras memórias, acaso minhas. Uma qualquer memória como esta: a passagem pela escola primária é marcada por uma aproximação da biblioteca da escola. Morava no interior, a 20 km da cidade, o que significava um período de férias vivido no isolamento, na solidão acompanhada pelos livros. A bibliotecária, certa feita, após eu ter escolhido os livros que levaria para casa, disse-me que aqueles, e apontou para uma pilha de livros sobre uma mesa, estavam disponíveis para doação. Avariados, riscados ou rasgados, de capas descoladas, estragados: marcados por uma sorte de violentos encontros. Tomei-os, a quase todos – desde então já gostava de livros, muitos, e, chegando em casa, vi que, em alguns, eram as capas que estavam descoladas, rasgadas.

“Um pecado!”, pensei, noutras palavras. Entre eles, um livro antigo, com folhas cheirando a poeira, amarelas, sem nada escrito na primeira página, com um título escrito na segunda: *O caso da borboleta Atíria*. *Felix culpa*, diria com Santo Agostinho, pois, não fosse o tal pecado, não teria tido a dedicação: tomei uma folha branca, um plástico transparente, fita adesiva, tesoura, uma caneta azul com que escrevi o título, e dei ao livro uma nova capa. Passou a ter minha grafia escrevendo o título que, nalgum momento, passou pela letra e pelo punho de Lúcia Machado de Almeida.

DESVIO I

É sobre este livro que desejo escrever. Da autora, também meu, feito meu desde aquela capa e, agora, por esta leitura, devolvido, noutro ponto, à minha experiência. Leitura que, talvez, um tanto anacrônica em seu exercício – ler um livro, originalmente, publicado em 1951 e, em 1976, incluído na Coleção

Vagalume, com amparo de uma reflexão que parece se referir ao nosso tempo, fazendo um recorte nessas teorias e na própria leitura do livro a partir de significantes singulares –, se situa no desejo de retornar ao texto de Atíria para ouvir, dele, suas perguntas. Em outras palavras, o fracasso e o *queer* serão, de fato, o que me concernem em minha leitura.

Então, leio este livro que montei dando-lhe uma outra capa, fazendo, ali, desaparecer a borboleta e aparecer a mariposa, na sua invisibilidade. Mariposa, significante pelo qual, agora, designarei Atíria, seguindo o que, na página 6, nota 3, está registrado: “Borboleta noturna, comum nos bosques do Brasil. (Seu nome científico é *Atyria isis* e pertence à família *geometridae*)” (Almeida, 1976, p. 6); se uma borboleta noturna, retomo tal livro significativo desde a minha primeira leitura, creio que menos pela jornada do herói ali expressa em todas as suas tintas, conforme Cátia Toledo Mendonça (2007, p. 100), além de pela mescla de dois gêneros, o policial – a investigação detetivesca pelo assassino de borboletas – e o maravilhoso – um conto de fadas com final feliz –, e, mais, por um detalhe *queer* e noturno: “um desvio qualquer numa das asas” (Almeida, 1976, p. 6); o desvio como aquilo que marca a personagem em sua metamorfose, no fracasso de sua metamorfose, quiçá, na sua “metamorfose em fracasso” que a salva no espaço de uma coletividade.

“Metamorfose em fracasso”, a chamamos, para isso, tomando, de um lado, o “fracasso” no sentido que lhe dá Jack Halberstam:

O fracasso preserva um pouco da extraordinária anarquia da infância e perturba os limites supostamente imaculados entre adultos e crianças, ganhadores e perdedores. E ainda que, indubitavelmente, o fracasso venha acompanhado de uma horda de emoções negativas, tais como decepção, desilusão e desespero, ele também proporciona a oportunidade de usar essas emoções negativas para espetar e fazer furos na positividade tóxica da vida contemporânea (Halberstam, 2020, p. 21).

Nada de otimismo ingênuo, nem de pessimismo cínico, o fracasso se volta para formas alternativas de, coletivamente, perder e inventar-se na condição de perda: questionando, pois, o construto social a respeito do sucesso como integridade, conquista, mérito individual, modelo de conduta. Ao lado disso, retomamos, no “em fracasso”, a afirmação de Jacques Lacan a respeito do “saber

em fracasso”: “Insisto, para ser mais exato, em dizer saber em [fracasso]: é aí que a psicanálise se mostra no que tem de melhor. Saber em [fracasso], tal como se diz figura *en abyme*, não significa fracasso do saber” (Lacan, 2009, p. 109, destaques no original). Não o fracasso do saber, mas uma estrutura em abismo, que, conforme Lucia Castello Branco, na literatura, “a *mise-en-abyme* acontece, quando, por exemplo, o narrador nos descreve [...] uma cena que está, de alguma maneira, anunciando, ou repetindo, algo que se passa ao nível da enunciação, com o próprio narrador” (Castello Branco, 2014, p. 126, destaques no original).

Dessa forma, tomar a “metamorfose em fracasso” como figura em abismo nesse texto, insinua uma metamorfose dentro da metamorfose, a inconclusão da metamorfose ou, ainda, uma metamorfose que se abisma como um processo de infinitização, tal qual “o travestimento propriamente dito [que], impresso na pulsão ilimitada de metamorfose, de transformação não se reduz à imitação de um modelo real, determinado, que se precipita na perseguição de uma irrealidade infinita” (Sarduy, 1999, p. 1267, tradução nossa); ou seja, uma “metamorfose em fracasso” não mira o sucesso de seu procedimento, uma teleologia, e não vê, no fracasso, o insucesso, antes, nele reconhece uma forma de não conclusão, abrindo-se à vulnerabilidade e à potência (Giorgi, 2016, p. 173). Em suma, inventando outras alianças com seu corpo desviado.

DESVIO II

Em qualquer ponto, aqui, escrever a “metamorfose incompleta” (ALMEIDA, 1976, p. 5, nota 1) em que se dão não-todos os corpos, metamorfose que “ilumine epistemologias e políticas alternativas do vivente” (Giorgi, 2016, p. 157).

DESVIO III

“Metamorfose em fracasso”, reiteramos. E, a respeito dela, o livro nos conta desde a abertura, instante inaugural das alternativas:

Num bosque cheio de passarinhos e flores, aparecera certa vez uma pequenina e silenciosa crisálida, colada ao tronco de uma árvore.

Uma velha Jitiranabóia examinava-a admirada, pensando nas coisas extraordinárias que estavam acontecendo com ela. Pobrezinha! Ficava ali tão só e abandonada! Em toda parte as mães-borboletas gostavam de vigiar as crisálidas,

esperando a hora em que se completasse o fenômeno maravilhoso da metamorfose e as filhinhas-borboletas saíssem dos invólucros. Aquele, entretanto, parecia não interessar a ninguém.

– Esse inseto não deve ter pai nem mãe, pensou a Jitirana.

[...] O coração da Jitirana sentia-se atraído para tudo o que era humilde, fraco, desprotegido, e ela comoveu-se. Entretanto, já havia tomado uma decisão. Nunca tinha sido mãe, adotaria a pequenina borboleta como filha. Amá-la-ia e defendê-la-ia contra tudo e contra todos (Almeida, 1976, p. 5-6).

Sem pai, nem mãe, a metamorfose é órfã. Sem origem que não seja, tão logo, a perda de memória que precede o torpor da metamorfose, Atíria se vê reconhecida no maravilhoso fenômeno de sua transformação; também em sua vulnerabilidade, e justamente por Dona Jitirana, inseto que, conforme a nota 1, sofre uma metamorfose incompleta e será quem a adotará, formando, ambas, uma comunidade de órfãs metamorfos. “Todos os perdedores são herdeiros daqueles que perderam antes deles. O fracasso adora companhia” (Halberstam, 2020, p. 170), lemos em *A arte queer do fracasso*, pois será justamente esse inseto, “um bicho esquisito, difícil de descrever”, com um ferrão “capaz de matar a quem ferir [...] mas há quem diga que é pura lenda, provocada pelo aspecto estranho do inseto. Na verdade a tiranaboia é um bicho inofensivo que usa o tal esporão ventral para se alimentar” (Gullar, 2003, p. 45-46), conforme Ferreira Gullar, quem comporá, com a mariposa, uma outra forma de parentesco, “conjunto de relações fragmentárias e parciais em vez de um sistema holístico onde famílias intactas produzem linhas de descendência claras e coerentes” (Halberstam, 2023, p. 106). Difícil será, pois, descrever esse inseto e tais relações de parentesco, diferentes daqueles que remontam a uma glória familiar:

Na floresta só se falava na chegada de Vanessa Atalanta, a borboleta que viera da Inglaterra, de avião, escondida numa muda de "Crimson Glory". Mas que elegância, façam-me o favor... Toda chitadinha de marrom, amarelo, vermelho e azul, um encanto. E voava com tal desenvoltura e segurança que dava gosto ver. Pena é que fosse tão convencida. Isso ela era... e muito... Pertencia a uma

família muito importante, e diziam que sua avó estava gloriosamente espetada na coleção de um grande museu da Europa (Almeida, 1976, p. 15).

Relações familiares bem-sucedidas que confinam com um colorido que cabe à heráldica, às linhas de sucessão, à história dos grandes feitos de uma linhagem de heróis. Todos mortos, presos às coleções, em nada vivos. Antepassados espetados numa coleção de mortos, como resultado de sua metamorfose resolvida em glória e honra, no sucesso que, lemos em Jack Halberstam, é afiançado pelas dinâmicas restritas do acúmulo e da produção – também da reprodução, realçamos, como garante de um ideário de legado e continuidade, baseado nos caracteres sanguíneos, nos de moralidade estagnada no próprio casulo das ilustres casas –, de capital, igualmente simbólico.

Espetada numa coleção, num grande museu: não a mariposa que nos concerne, para quem há a não origem, a não herança e nem mesmo a sina de ser uma borboleta especial. Ademais, além de ser uma borboleta noturna, só conhecendo a noite para perambular pelas vias, para se perder nelas, tem “um desvio qualquer numa das asas” – “Seria defeituosa?” (Almeida, 1976, p. 6) perguntam-se a narração e dona Jitirana – característica que a desqualifica a figurar nas coleções dos museus.

DESVIO IV

Testemunha de uma “metamorfose em fracasso”, o desvio nas asas da mariposa indica, de fato, uma transformação que, não tendo se completado – sobre ela, brilha o signo do defeito –, a coloca, já que não pode voar, ou seja, ser uma perfeita borboleta, no caminho entre a lagarta e a mariposa. E, nesta encruzilhada, sua metamorfose conhece o fracasso que lhe compete como dom de uma “instabilidade representativa do corpo mesmo, o fato de que ele não pode funcionar como base para ordem, coerência e sistemas arrumados de correspondência” (Halberstam, 2020, p. 151). Corpos que se veem sob “um raio de sol singelo que produz sombra e luz em iguais medidas e sabe que o significado de um depende do significado do outro” (p. 25) e que “representam a arte do vir a ser, a necessidade de imaginar e a insistência carnal da transição” (Halberstam, 2023, p. 179). Em suma, trata-se de uma “metamorfose em fracasso”, um dos nomes do estado larvar de um corpo:

- Futuras princesas? Não compreendo. Como é que podem adivinhar qual das larvas vai ser isso ou aquilo?

- As larvas são todas iguais ao nascerem, esclareceu a guia. Nossa querida Soberana é quem escolhe e determina o destino que terão mais tarde, transformando-as em zangãos, princesas ou trabalhadoras.

- Transformando-as como? (Almeida, 1976, p. 51).

Estado larval, não princesa, não zangão, não trabalhadora: um corpo à mercê da transformação, ou metamorfose, que resta como uma pergunta. Corpo que se constrói inoculado pela decisão de uma rainha, talvez, a própria “metamorfose em fracasso”, ou “metamorfose encruada” (Almeida, 1976, p. 29): “Imagine você que o mês passado ela começou a virar crisálida. De repente os sintomas desapareceram, e a pobre coitada agora não é uma coisa nem outra... E está numa esquisitice de fazer dó, só vendo...” (Almeida, 1976, p. 29). Isso, que se parece com o seu contraponto, talvez, seja a própria imagem daquilo que, como metamorfose, fracassa: a larva.

DESVIO V

No dicionário etimológico, lemos que “larva” se refere, por um lado, ao estado dos insetos logo após saírem dos ovos; por outro, à “alma dos maus”, ou dos insepultos, que vagam, à noite, aterrorizando os vivos, opondo-se aos espíritos dos lares, os deuses domésticos entre os romanos (Cunha, 2010, p. 382). E não é, esta, aproximativamente, uma das compreensões populares da mariposa, a borboleta noturna, chamada de “bruxa”? Trata-se do que, larvar em um corpo, causa terror, a esquisitice de um terror, seja este compreendido moralmente, seja, ainda, naquilo que, em um corpo, deveria estar, ou ser, morto e segue, se não vivo, em uma forma de não-morte, como uma qualquer vida. Um corpo atravessado pela indeterminação e, por isso, aterrorizante, noturno, esquisito, *queer*.

Nesse sem limites da metamorfose, a mariposa segue, Atíria, rainha da noite, meio larva entre o inseto e a borboleta, seu corpo quase rastejante. Corpo suporte de seu desejo, sua própria obra, própria construção e apoio para os enfeites que o inventam e que, neste livro, fascinam a própria voz narradora a, com ela, se contaminar. Como se pode ver em:

Tratava-se de um simples esqueleto de inseto desprovido de olhos e de asas. Possuía filamentos nevosos de extraordinária sensibilidade, nutrindo e presentindo tudo. Apesar desse aspecto estranho, emanava dele tal força de vontade que *a gente se sentia* tímida em sua presença (Almeida, 1976, p. 77, destaques meus).

“A gente se sentia”: tomada por essa canção de várias línguas inumanas, a voz e o leitor, pelo tom de proximidade cúmplice, deslizam à sua dicção de larva: entre a neutralidade das notas de rodapé, que indica uma distância científica entre o leitor e a informação dada, mediada pela verdade do discurso da ciência, e uma terceira pessoa, voz onisciente, que conhece o que a história reserva à protagonista - como se lê no trecho: “Ah! Bem que ela iria precisar de proteção! Alguém de mau, de muito mau mesmo - o ser mais perverso e diabólico do reino dos insetos - iria persegui-la. Um estranho ser mergulhado nas trevas, dotado de poderes quase sobrenaturais...” (Almeida, 1976, p. 8) -, se desenha a voz de uma primeira pessoa implicada nos efeitos da sua narração.

Desse modo, também a voz narradora que vem a ser a pele do corpo textual da mariposa Atíria, parece se dar a modo de uma metamorfose, de um travestimento, como aquele de que fala Marlene Wayar: “‘Não sou homem, não sou mulher, hoje *vou sendo* travesti’. Este gerúndio me explica *só por hoje* mas não encerra a crise e a transformação” (Wayar, 2019, p. 25, tradução nossa, destaques no original). Não ser, estar sendo, notas marcantes dessa mariposa larvar que, mais que ser, desloca-se, ainda uma vez o dizemos, no amplo espaço do “fracasso *queer*”, como alternativa entre o ser e o deixar de ser (Halberstam, 2020, p. 49). Em outras palavras, marcada pela singularidade de seu próprio modo de se inacabar, essa metamorfose fracassa - por estilo (p. 21), por companhia de “seres fracassados que vêm acima de tudo do fracasso” (Wayar, 2019, p. 88, tradução nossa) - e, então, a mariposa o confirma, é a salvação:

Encolhida num canto, estava Atíria, vivazinha! Sim, viva, apenas um pouco abatida e bastante pálida... No lado oposto, achava-se a Taturana molemente recostada, numa atitude sonolenta e inexplicável. Uma espécie de baba escorria-lhe pelo corpo, e ela parecia completamente alheia ao que se passava em redor. Seus pêlos estavam molhados e haviam perdido um pouco da cor avermelhada que tinham pouco antes.

Dir-se-ia que toda a sua ruindade havia desaparecido como por encanto...

Atíria, ao avistar Papílio e o Príncipe, deu um gritinho de alegria.

- Que é isso? indagou Caligo, irritada. Que fez a Taturana ficar cretina assim?

- Não sei, disse Atíria. Quando a Senhora me atirou aqui, já a encontrei desse jeito.

Então a lagarta, com os olhos semicerrados, bocejou e murmurou, com voz de sono:

- Deixem-me em paz. Minha metamorfose já começou, e estou tecendo meu casulo. Quero dormir, dormir, e acordar com asas, já mariposa! Deixem-me em paz, por favor!

Dito isto, adormeceu outra vez (Almeida, 1976, p. 75).

“Minha metamorfose já começou, e estou tecendo meu casulo”, lemos; um corpo, a secreção de um corpo que é o tecimento de um casulo a partir de si. A partir do próprio corpo, fazer dele o seu casulo: a destinação de uma mariposa, conhecer a “metamorfose em fracasso” que passa pela sua corporeidade – “ela parecia completamente alheia ao que se passava em redor” –, um torpor, uma falta de forças que, tomando-o, aquiesce à sua própria transformação, ou à salvação: o casulo. Um nome para o que, de um corpo, o expõe para fora, elaborando-o na fluidez própria de seus líquidos: “uma espécie de baba escorria-lhe pelo corpo” e que o contorna como letra que secreta.

E, nessa secreção, absolve-se de sua condenação. Salva-se em seus líquidos, neles não naufraga. Salva-se fracassando em companhia, como uma comunidade de mariposas larvas em plena secreção de transformação: alcança a salvação do incabado inacabando-se, numa conversão epitélica:

Outro resplendor se dá simetricamente à travesti e ao inseto. O homem pode pintar, inventar ou recriar cores e formas que dispõem em seu exterior, sobre a tela, fora de seu corpo; mas é incapaz e impotente para modificar seu próprio organismo. A travesti, que chega a transformá-lo radicalmente, e a mariposa, podem se pintar a si mesmas, fazer de seu corpo o suporte da obra, converter a emanção da cor, os atordoantes arabescos e as tonalidades

incandescentes em um ornamento físico (Sarduy, 1999, p. 1268, tradução nossa).

Transformar a metamorfose em uma pele, fazendo vibrar a intensidade do vivo que lhe compete. Cor, arabescos e intensidades que fluem do corpo e o desenham, assim a travesti e a mariposa são aquelas que se vestem de si mesmas. Se travestem de seu próprio corpo, do que dele emana como secreção, ornamento que resplandece uma imagem simples: uma capa de livro, agora branca e coberta de plástico, livro aberto em borboleta. Algo Atíria, “um corpo grande e desajeitado” (Almeida, 1976, p. 5), uma voz que desperta mariposa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Machado. **O caso da borboleta Atíria**. São Paulo: Ática, 1976.

CASTELLO BRANCO, Lucia. A paixão do ler: a leitura no “amor em fracasso”. In: HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; GROVA, Tatiane. **Ao pé da letra: leitura e escritura na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Subversos, 2014, p.123-139.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica**. Trad. Carlos Nougé. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

GULLAR, Ferreira. **O touro encantado**. São Paulo: Salamandra, 2003.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvli Libanio. Recife: Cepe, 2020.

HALBERSTAM, Jack. **Trans***: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero. Trad. Daniel Kveller, Rafael Leopoldo. Salvador: Devires, 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário: 18, De um discurso que não fosse semblante**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.



MENDONÇA, Catia Toledo. **À sombra do vagalume**: análise e recepção da série Vagalume. Curitiba: Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 2007 (Tese, Doutorado).

SARDUY, Severo. **Obra completa**. Tomo II. Madrid, Barcelona, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX, 1999.

WAYAR, Marlene. **Travesti**: una teoría lo suficientemente buena. Buenos Aires: Muchas Nueces, 2019.

Recebido em 18/12/2023.

Aprovado em 14/01/2024.